

EDITORIAL

Um lugar de exceção

O editorial proposto para este volume do Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo vislumbrava um conjunto de textos que discutissem, no campo da Arquitetura e Urbanismo, a «visão dualista que orienta a construção dos raciocínios analíticos que ainda prevalecem nas interpretações dos tempos atuais».

A exemplo de uma possível interpretação, aproximada ao proposto pela curadoria de Alejandro Aravena na Bienal de Veneza de 2016, o edital orientava para abandonar o simplismo do raciocínio que, ainda hoje, oscila entre opostos. Visava também, discutir, a partir das temáticas específicas de cada artigo dentro do campo que abrange a cidade e a vida urbana metropolitana, as possibilidades de "diálogo nas fronteiras".

O intento do edital almejava uma conversa entre dois campos adversos que, para situar-se nas fronteiras, explicitasse conflitos. E, para tal, desenhasse lugares onde as contrariedades se valessem da troca de ideias para um entendimento que não fosse uma fusão, mas a marca de uma descontinuidade e/ou o encontro de um acordo tácito. Eventualmente, mantendo ambos os termos – como em «a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa» este lugar outro de "A terceira margem do rio" de João Guimarães Rosa¹. Ou mesmo que, como "subversão sutil, se

¹ ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: *Primeiras Estórias* (1962). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988, p. 32. Disponível em: < http://www.releituras.com/guimaraosa_margem.asp>. Acesso em: 20 set. 2016.

esquivasse do paradigma e encontrasse não uma síntese, mas um terceiro termo, excêntrico e inaudito" (BARTHES, 1973)².

Os artigos endereçados ao volume 2017-2 do CadernosPós responderam às expectativas de situar seus argumentos e temáticas em espaços de exceção. Amparados em formulações de novas alternativas conceituais, os autores trabalharam com ideias fortes para informar a ação do projeto e seus textos trazem a marca de eminentes e novas associações.

Identidade, continuidades e discontinuidades da cultura urbana portuguesa, séculos XVIII-XX, que aborda **A CIDADE E O PROJETO URBANO**, é de autoria do professor Manuel C. Teixeira, do Centro de investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD), da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAU-Lisboa), que gentilmente aceitou o convite da revista.

Através de um olhar histórico de traçados urbanos, formação e transformação no tempo, solicita para o projeto contemporâneo o **resgate** de experiências inaugurais do urbanismo português. O autor pondera a qualidade deste urbanismo, que consiste na adaptação do traçado às características morfológicas do sítio, «quer em Portugal, quer em territórios ultramarinos». Essa inestimável qualidade, de respeito e adaptação ao sítio, interessa sobremaneira a nós brasileiros. A leitura deste trabalho nos orienta a reler, com novo olhar crítico, as comparações entre as cidades portuguesas e espanholas na América, presentes no capítulo 4 – O sementeiro e o ladrilhador – do livro *Raízes do Brasil*³.

Olhando para **A CIDADE, O TERRITÓRIO E A PAISAGEM**, os artigos que discutem especificamente questões de projeto estão associados a dimensões e aspectos de atributos estéticos, ao reconhecimento de valores culturais e ecológicos e, ainda, à retomada de atenção e foco aos temas locais e/ou de pouco protagonismo em publicações atuais.

Reverberação Política e Educativa para Cidade Saudável relata uma pesquisa de campo e a troca de experiências para discutir um viés ainda pouco explorado entre nós, qual seja, frisar que espaços políticos mais democráticos se dão por meio da participação comunitária. Essa disposição de abertura a um discurso envolvido com temáticas de exigência fundamental à cooperação contribui para uma possível inteligência contemporânea e **revigora a atuação do arquiteto** como "sujeito participante".

Diante do que se afirma como realidade externa histórica e objetiva, o **Parque Marinha do Brasil – um parque, três projetos** escapa da ciência do urbanismo como saber preponderante na genealogia do projeto e discute “o parque na conformação territorial como meio de reivindicar a paisagem” promovendo um **deslocamento** do protagonismo da disciplina.

² «[...] entendo por subversão sutil aquela que não se interessa diretamente na destruição, esquia o paradigma e busca outro termo: um terceiro termo que, entretanto, não seja um termo de síntese senão um termo excêntrico, inaudito”. BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*, Paris: Seuil, 1973. Tradução livre.

³ HOLANDA, Sergio Buarque de (1936). Edições mais recentes em: São Paulo: Companhia das Letras.

Os textos publicados sob o enredo **MAPAS, CARTOGRAFIAS | PROJETO E PESQUISA** valorizam métodos. Já os textos do capítulo **Incursões Interdisciplinares: mapas conceituais como instrumento metodológico em Arquitetura e Urbanismo** tem como objetivo contribuir para a pesquisa acadêmica em arquitetura e urbanismo. Aborda o entendimento de que mapas conceituais (MCs), enquanto "instrumentos metodológicos facilitadores de conexões conceituais múltiplas", são «organizadores gráficos de representação de conhecimentos», os quais encerram uma interdisciplinaridade inerente.

O artigo **Rio, cidade e paisagem fluvial: o território Paraibuna em Juiz de Fora - MG** faz ver «o rio que já foi visto como um problema de urbanização (e que) hoje é requerido como um elemento de conotação ambiental forte para a qualidade da cidade». Reconstrói a história urbana em representações temáticas do espaço e observa características perceptíveis de transformação do território sediado no rio e introduz os temas das cartografias.

Os artigos **Mapas Oficiais e Cartografias do Cotidiano: Tensionamento das Experiências no Espaço** e **Mapeio cultural e Reapropriação do Espaço: Exemplos em um Contexto Urbano Espanhol**, coincidentes no assunto mas enunciados para diferentes cenários, são disciplinares com argumentos indisciplinados e se situam nas bordas de referências instituídas. O primeiro discute o conceito de "mapeio cultural", para identificar três áreas principais em que esse conceito se desenvolve: no âmbito das políticas e gestões culturais, na expressão artística e na cartografia crítica. O trabalho seguinte opera o conceito de cartografia em duas vertentes: enquanto disciplina que normatiza a produção de mapas oficiais e enquanto processo metodológico que mapeia a experiência na cidade.

As cartografias são processos de pesquisa que tratam de ler o território e registrar seus rastros e sinais. Os métodos contemporâneos de representação, observação e registro do espaço são receptivos à experiência e à descoberta. Em ação, implicam no envolvimento e na participação do observador, se realizam de forma intelectual, construindo raciocínios, e sensível, na ação do corpo que atravessa o espaço e se abre e se dispõe ao tempo. Esta também é uma intriga que inquieta segmentos da arte contemporânea.

As reflexões interpeladas sob a temática **ARTE CULTURA E CONTEMPORANEIDADE** acolhem os debates contemporâneos sobre as artes visuais, em sua relação com a vida urbana e suas manifestações metropolitanas e com a arquitetura, não como invólucro ou abrigo de obras, mas enquanto espaço interativo. **Articulando fluxos globais e experiência local: novas identidades reveladas pelo grafite em Belo Horizonte** se aproxima do cotidiano marcado por experiências de diversidade e intensidade dos fluxos globais os quais têm a cidade como suporte que situa o grafite como manifestação da cultura na contemporaneidade conceitualmente entendida como "desterritorializada e múltipla". **Arquitetura para Arte Contemporânea: Longe da Neutralidade** escapa da cidade e olha para a escala da arquitetura em sua interação com a produção da arte contemporânea em espaços arquitetônicos para museus.

Permanecer entre uma coisa **ou** outra nos localiza como dotados de uma inteligência institucionalizada, ou seja, ainda no dizer de Roland Barthes, «científicos por falta de sutileza»⁴.

Duas margens são insuficientes para localizar raciocínios de contraste entre a regra e a excessão. Enunciados que têm poder para criar lugares a partir de diferentes cenários e conjunturas estão indicados pela referência a uma terceira margem e, portanto, permencem como textos franqueados. No interior do próprio rio, abertos ao movimento, à experiência, ao devenir.

O "diálogo nas fronteiras", ao final, situa-se em uma posição distinta dos limites objetivamente instituídos e a percepção da própria presença desloca-se para um "termo inaudito". Já que, como escrevem estudiosos de João Guimarães Rosa: «Ser margem é limitar-se; Ser rio é prosseguir»⁵.

Maria Isabel Villac

⁴ BARTHES, Roland (1973). *El placer del texto*. Madrid: Siglo Veinteuno Editores, 11. ed. 1995, p. 99. Tradução livre.

⁵ VITOR, Denise Cristina Rodrigues Caliman; COSTA, Sueli Silva Gorricho. A transcendência no conto. In: ROSA GUIMARÃES, João. *A terceira margem do rio*. *Nucleus*, v.8, n.2, out. 2011, p. 337. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4040847.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.